

jornal da tarde

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Coetaneu Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PARX).



Fundado em 1873

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

JORNAL DA TARDE

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

A 170 pontos percentuais de inflação da lucidez

21 AGO 1989

Quando um político como o sr. Leonel Brizola ataca o programa de privatização do governo federal e diz que "isto está parecendo negociata", ninguém se espanta. Mesmo depois que o ex-governador do Rio de Janeiro aderiu ao "capitalismo moderno" diante da platéia de empresários. Atitudes assim são normais no candidato do PDT. Afinal, todo mundo sabe que ele só é absolutamente sincero quando destila seu ódio contra a **Rede Globo**, o dr. Roberto Marinho e contra os Gallups e Ibôpes que teimam em expor a preferência do eleitorado pelo sr. Collor de Mello.

Fora daí, o sr. Brizola só diz — e ele diz muito pouco ou quase nada que se aproveite — o que ele acha que lhe pode render mais votos. E, quando dirigiu suas diatribes contra a privatização, estava de olho nos funcionários das estatais e, principalmente, no eleitorado de Minas Gerais, onde, como em São Paulo, seus votos são muito escassos. Brizola pensa conquistar os mineiros defendendo suas siderúrgicas oficiais.

Quando o sr. Lula da Silva repete o que disse o sr. Brizola e afirma que tem "a impressão de que alguém está levando propina nessa história (de privatização, N. da R.)", também não há por que se espantar. Ele está sendo apenas coerente com suas convicções totalitárias. Se vivesse na União Soviética, Lula seria um **brezhneviano** e combateria com o mesmo ardor os esforços de Gorbachov para introduzir um pouco de capitalismo na economia soviética que, por ser totalmente estatizada, conseguiu fazer de um dos países mais bem dotados do mundo de riquezas naturais um país onde o povo passa um terço de sua vida nas filas para comprar qualquer coisa, até alimentos.

Quando o sr. Fernando Gasparian, um dos mais conhecidos representantes da **esquerda decrépita** que apóia a melancólica candidatura do deputado Ulysses Guimarães, promete que irá combater a privatização das estatais, ele está também apenas confirmando seu retrospecto e dando vazão às suas frustrações empresariais. Empresário fracassado, o sr. Gasparian possivelmente espera se reabilitar na direção de alguma estatal, empresa que, por contar com os generosos cofres do Tesouro Nacional, nunca vai à falência.

Quando, entretanto, ouvimos críticas e manifestações de ceticismo a respeito do programa de privatização vindas de grandes empresários, nossa reação é de incredulidade. Evidentemente, ninguém está achando que as medidas que o presidente Sarney começa a enviar ao Congresso Nacional, a título de implementação do chamado Plano de Emergência esboçado pelo próprio Congresso, irão produzir resultados imediatos. Ninguém tem nenhuma ilusão de que será possível ao governo se desfazer desses monstros estatais num prazo razoável. Mas ele é um começo. E é absolutamente imprescindível, quando mais não seja para quebrar um tabu. Por uma infeliz coincidência, essas reações negativas apareceram no mesmo dia em que tivemos mais uma demonstração de como as estatais arrastam o Estado brasileiro à falência: o presidente da Petrobrás, empresa que o presidenciável Mário Covas considera um símbolo intocável, foi pedir publicamente ao presidente da República 1 bilhão de dólares dos cofres públicos, que é o tamanho do prejuízo que ela terá este ano. A situação desse caríssimo **símbolo** é tão ruim que seu presidente confessou que já não sabe como vai arranjar dinheiro para pagar as importações de petróleo.

Por coincidência, também, tudo isso acontece no mesmo dia em que se anuncia que o novo presidente da Argentina, eleito pelo partido que ideologicamente se identifica (ou se identificava) com as posições estatizantes e nacionalisteiras dos srs. Brizola, Lula, Gasparian, conseguiu aprovar no Congresso um plano para dominar a hiperinflação absolutamente radical em seu liberalismo. O programa de Carlos Saúl Menem, votado em tempo recorde pelo Congresso, prevê, entre outras coisas, a privatização de **todas** as estatais deficitárias, a participação do capital privado, nacional ou internacional, na exploração do mesmo petróleo que a Petrobrás de lá — a YPF — explora.

Esses fatos só reforçam nossas conclusões sobre o desenrolar da crise brasileira, contidas em um outro editorial recentemente publicado nesta coluna. Infelizmente para nós, ao contrário do que acredita o esforçado ministro Mailson da Nóbrega, caminhamos inexoravelmente para a mesma situação que permitiu à Argentina alcançar o milagre de um entendimento entre a maioria da sociedade e dos agentes econômicos em torno de um programa sério de combate à hiperinflação. Estamos a 170 pontos percentuais de inflação da lucidez. Ou seja: na Argentina, o milagre foi possível porque a hiperinflação chegou a 200% ao mês. Aqui ainda não foi possível porque a inflação está só em 30%. Na Argentina também, enquanto a inflação se manteve nos níveis de 30, 40% ao mês, todas as tentativas do presidente Alfonsín de fazer coisas parecidas com as que está fazendo Menem fracassaram. Encontraram o mesmo tipo de resistência que hoje barra a tímida tentativa do governo brasileiro de mitigar a inflação.

Continuamos tendo sobre a Argentina vantagens enormes. A debacle econômica, lá, começou há duas décadas. O país de Menem nunca teve um parque industrial com a espantosa capacidade do brasileiro e o que tem está sucateado. São handicaps que nos permitiriam, aplicando agora — com 30% de inflação ao mês — o plano que os argentinos só puderam ter porque chegaram aos 200%, evitar a hiperinflação que eles enfrentam hoje, e retomar o crescimento. Mas tudo indica que a burrice nacional só será derrotada quando atingirmos o mesmo índice.

Repetindo um grupo de professores de Economia da USP em um documento divulgado na semana passada, propondo um plano semelhante ao de Me-

nem, "a questão que colocamos, portanto, à classe política, aos empresários, aos trabalhadores e à sociedade em geral, é a seguinte: será que não há juízo? Será preciso um susto para induzir esse tratamento? Não valem os sustos da Argentina e da Bolívia, também internadas nesta grande enfermaria econômica que é a América Latina? Vale a pena continuar neste marasmo e esperar pelo pior?"